

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE BIOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

WILLY NARESSE LÚCIO

**AFETIVIDADE E OTIMISMO: INTERAÇÕES POSITIVAS NA RELAÇÃO
PROFESSOR-ALUNO E SEUS EFEITOS EM AULAS DE CIÊNCIAS**

UBERLÂNDIA

2022

WILLY NARESSE LÚCIO

**AFETIVIDADE E OTIMISMO: INTERAÇÕES POSITIVAS NA RELAÇÃO
PROFESSOR-ALUNO E SEUS EFEITOS EM AULAS DE CIÊNCIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Ciências Biológicas apresentado à Coordenação do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia, para obtenção do grau de licenciatura em Ciências Biológicas.

Orientador: Fernanda Helena Nogueira-Ferreira

Co-orientadora: Nicole Cristina Machado Borges

UBERLÂNDIA

2022

WILLY NARESSE LÚCIO

AFETIVIDADE E OTIMISMO: INTERAÇÕES POSITIVAS NA RELAÇÃO
PROFESSOR-ALUNO E SEUS EFEITOS EM AULAS DE CIÊNCIAS

Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Ciências Biológicas apresentado à Coordenação do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia, para obtenção do grau de licenciatura em Ciências Biológicas.

Orientador: Fernanda Helena Nogueira-Ferreira

Co-orientadora: Nicole Cristina Machado Borges

Uberlândia, 08 de agosto de 2022.

Prof^ª. Dr^ª. Fernanda Helena Nogueira-Ferreira. UFU - MG

Prof^ª. Dr^ª. Ariádine Cristine de Almeida. UFU - MG

Prof^ª. Dr^ª. Daniela Franco Carvalho. UFU - MG

Ao meu pai, que hoje não está mais presente em corpo, mas sem dúvidas está sempre comigo em espírito, me abraçando e comemorando minhas conquistas.

À minha mãe, que é minha família e a pessoa mais importante de minha vida. Seu amor e exemplo me moldaram a ser quem eu sou. Obrigado.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela dádiva da vida e por cada dia que é uma oportunidade de evoluir.

Ao meu falecido pai Antônio Carlos Lúcio, que foi meu pilar durante todos esses anos, e à minha mãe Sônia Maria Naresse Lúcio, que me incentivou a continuar seguindo em frente até a finalização deste trabalho. Meus pais sempre me apoiaram e me motivaram a buscar o sucesso e a felicidade, e sempre estiveram presentes nos momentos difíceis. Sou imensamente grato pelo amor que tive a honra de receber deles.

À minha namorada e parceira de vida, Juliana Otoni de Oliveira Costa, por ter me dado consolo nesse último ano que me foi tão duro.

À minha orientadora, professora Dr^a. Fernanda Helena Nogueira-Ferreira, e minha co-orientadora, professora Mestra Nicole Cristina Machado Borges, pela oportunidade de terem me aceitado como orientado, por toda a ajuda, pelos ensinamentos, pelo carinho, pela motivação e especialmente, pela paciência durante o longo processo que foi a evolução deste trabalho.

A todos os meus familiares, meus amigos próximos que fiz durante a faculdade e meus amigos de infância, por todos os momentos de risos e sorrisos que vivenciei ao lado deles. Em especial, agradeço ao meu primo e um de meus maiores e mais antigos amigos, o prestes-a-ser Dr. Eduardo Oliveira Marson, cujo apoio e conhecimento me ajudaram a moldar este presente trabalho.

Agradeço também a todos os professores e professoras que tive ao longo da vida, que foram tão importantes para minha caminhada em direção ao caminho da docência, sobretudo ao professor Dr. Kleber Del-Claro, que me ofereceu a grande oportunidade de trabalharmos juntos em projetos midiáticos educacionais, o que fortaleceu o meu amor pela profissão.

Aos membros da banca examinadora, pelo auxílio em contribuir com este trabalho.

E por fim, agradeço à todas as pessoas presentes nas escolas Alfa e Beta em que este trabalho ocorreu. Através das professoras e pelos estudantes observados e entrevistados, pude não somente coletar os dados presentes neste trabalho, mas também fui capaz de compreender diversos pontos de vista interessantes que me trouxeram a oportunidade de evoluir como professor e como pessoa.

O presente trabalho foi realizado com o apoio de todas essas pessoas. Se um único indivíduo estivesse faltando ao longo desta caminhada, tudo aqui escrito poderia ter sido diferente, ou nem mesmo existido.

RESUMO

Diante das dificuldades impostas por fatores como a baixa remuneração, a crescente violência e hostilidade com o professor no ambiente escolar e as políticas públicas que tentam abafar a relevância do professor, este trabalho busca investigar a existência de relações de afetividade e otimismo nas relações professor-aluno em aulas de ciências. A pesquisa foi realizada por meio da observação participante e de entrevistas com professoras de ciências e estudantes do Ensino Fundamental II, em duas escolas públicas da cidade de Uberlândia - MG, sendo uma delas durante o ensino presencial e outra em período de atividades remotas, devido à pandemia da COVID-19. Dentre os resultados observados e gravados, pudemos compreender o carinho, a confiança e o zelo que as professoras possuíam por seus estudantes e vice-versa. Tamanha confiança e respeito, que incluía a liberdade entre ambos de conversarem até mesmo sobre assuntos pessoais, o que poderia fortalecer vínculos e afetar positivamente suas perspectivas de vida. Tudo isso nos leva a concluir que relações de afeto e otimismo ocorrem no ambiente escolar, tanto em aulas presenciais quanto em aulas remotas e que a afetividade gera uma relação de proximidade entre o/a professor/a e os estudantes.

Palavras-chave: Afeto. Ambiente Escolar. Ensino Remoto. Educação. Ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

Faced the difficulties imposed by factors such as low payment, the increasing violence and hostility against teachers in the school environment and public politics that try to stifle the relevance of the teacher in the overall human formation of the individual, this work seeks to investigate the existence of affective and optimistic relationships in teacher-teacher relationships. student in science classes. The research was carried out through participant observation and interviews with science teachers and elementary school students, in two public schools in the city of Uberlândia - MG, one of them in face-to-face teaching, and the other in a period of remote activities, due to the COVID-19 pandemic. Among the results observed and recorded, I was able to comprehend the affection, trust and diligence that the teachers had for their students and the other way around. Such trust and respect even included the freedom between the two of them to talk about personal matters, which could strengthen bonds and positively affect their life prospects. All of this leads us to conclude that relationships of affection and optimism occur in the school environment, both in face-to-face and remote classes, and that affection generates a close relationship between the teacher and the students.

Keywords: Affection. School Environment. Remote Teaching. Education. Teaching-learning.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
OBJETIVO GERAL	11
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
METODOLOGIA	11
RESULTADOS E DISCUSSÃO	14
Análise da observação participante	14
Entrevistas Gravadas: Com a palavra, os estudantes	20
Entrevistas Gravadas: Com a palavra, as professoras de Ciências	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	32
Anexo A	34
Anexo B	35
APÊNDICE	36
Relatos da observação participante na Escola Alfa	36
Relatos da observação participante na Escola Beta	39

INTRODUÇÃO

Através de meus anos de formação rumo à jornada docente, me vi questionando o porquê de escolher trilhar este caminho, e ao longo das justificativas, frequentemente alguns professores do passado eram considerados como fatores motivadores. Professores esses que demonstraram cordialidade, respeito, carinho, auxiliaram em minhas escolhas e constantemente demonstravam acreditar em minhas capacidades. A partir dessas reflexões, me vi indagando se essas relações poderiam ter sido catalisadores para o meu fascínio pela disciplina, bem como meu interesse por eventualmente buscar a exercer a profissão, mesmo que existissem, e ainda existam, dificuldades e desafios nessa área tão bela e tão importante que é a educação.

Sabe-se que a educação brasileira está carregada de intenções políticas e econômicas. Desde tempos antigos, o propósito da prática da mesma era beneficiar esses interesses, de modo a determinar o papel do indivíduo na sociedade e assim manter os interesses da classe dominante (BARROS, 2018). Entre os beneficiados dessa disposição, não se pode citar o professor atuante da escola pública como protagonista da formação acadêmica básica, e por extensão, seus alunos.

Ao longo da história da educação brasileira sempre houve certos empecilhos políticos e sociais para o estímulo e o apoio à carreira docente. Condições como a falta de remuneração adequada (PINTO, 2009) e justa; violência, refletida em uma crescente hostilidade na unidade escolar entre professores e alunos (LOPES, 2001); as políticas públicas, que só tentam escamotear as causas estruturais que produzem o fracasso escolar, o esvaziamento do trabalho do professor, entre outros pontos, provocam no profissional cada vez mais um adoecimento, que, com frequência, o imobiliza e o impede de levar os alunos a terem uma perspectiva positiva na escola e se apropriarem do conhecimento (FACCI, 2010). De acordo com Leite (2012), o principal agente mediador entre o estudante e o conteúdo é, sem dúvidas, o professor. Logo, este será o responsável pelo tipo de relação afetiva entre o aluno e o determinado conteúdo, que pode variar em fortes momentos de interesse e agrado ou de desinteresse e aversão.

Pinto (2009) relata que o baixo salário do professor está intimamente ligado à receita pública *per capita* e ao prestígio da profissão. Diz que em nosso país, a elite e até os profissionais da área da educação evitam matricular seus filhos em escolas públicas, o que reduz a valorização social dessas escolas e mostra que nesses casos, o professor contribui involuntária, mas ativamente, para a desvalorização de sua própria profissão. Já

nos países desenvolvidos, a classe média matricula seus filhos em escolas públicas e lutam pelo aumento de sua qualidade (PINTO, 2009).

Com tudo isso em mente, acreditamos¹ ser necessário que os profissionais educadores tenham conseguido de alguma forma a motivação pessoal ou uma relação positiva para manter em seu interesse no exercício desta profissão tão desafiadora. Dentre essas características, o otimismo e o afeto são qualidades essenciais ao profissional que opta por continuar nesse caminho.

Segundo Bastianello (2015), “otimistas, quando confrontados com um desafio, tendem a agir com confiança e persistência, mesmo que o progresso seja difícil ou lento.” Esta lógica para o otimista não somente se aplicaria a ele mesmo, mas àquelas pessoas queridas ao seu redor. Para este trabalho, essencialmente, o professor otimista é aquele que acredita nas capacidades de seus estudantes, seja aprendendo o conteúdo ou, indo além, realizando seus objetivos e sonhos. O afeto é, como descrito por Silva (2013), “um ingrediente primordial em qualquer relação humana, e que deve estar presente em todas as fases da vida do indivíduo”. Ambas essas qualidades são de extrema importância nas relações interpessoais. Mello (2013) inclusive menciona que essas relações positivas que o estudante constrói com o professor possibilitam o sucesso dos objetivos educativos.

Para Piaget (2014), “a afetividade e a cognição, apesar de serem aspectos diferentes, estão intrinsecamente ligados e até mesmo inseparáveis no desenvolvimento psicológico”. Outros grandes psicólogos e educadores, tais como Vigotski e Leslie Greenberg também compartilharam a ideia da conexão entre emoções e a razão, e a psiquê humana em seu processo de aprendizado, mas é Henri Wallon que atribui um papel central à afetividade. Pela perspectiva Walloniana, pode-se dizer sucintamente que o nível de aprendizagem de uma criança, por exemplo, dependerá do aumento da relação afetiva com seu professor.

A fala de Mello (2013) aprofunda nos efeitos desta relação positiva. “A confiança é tudo para os alunos, é uma ferramenta para a participação no sucesso e na conquista de seu educando. O professor é o referencial, o líder, o que orienta e auxilia o aluno em suas atividades, seus sonhos e projetos. Por outro lado, o professor também cresce e se realiza quando percebe que conseguiu passar todo o ensinamento para o aluno de uma forma tranquila, com amizade e serenidade, sem castigos, sem punições. O professor tem que

¹ Durante o desenvolvimento do presente trabalho, a escrita será referida em momentos na primeira pessoa do singular (posicionamento pessoal do pesquisador) e no plural (referenciando as discussões de orientação da professora orientadora e da professora co-orientadora).

estar apto para construir, se dedicar aos alunos, vibrando com suas conquistas.”

Tendo em vista todos pressupostos como ingredientes importantes no processo de ensino-aprendizagem, consideramos nesta pesquisa o conceito de afeto como um sentimento de carinho, zelo, gentileza e empatia. Assim sendo, entendemos que a valorização dessas qualidades advindas de um educador na visão de seus alunos é um ponto forte para o sucesso da missão de educar, transformando o espaço escolar e a forma em que os conteúdos são ensinados, resultando na aprendizagem e na construção de cidadãos mais empáticos.

Decorrente da minha experiência vivida na escola, como professor em formação inicial, pude observar que relações que envolvem afeto e otimismo ocorrem entre estudantes e entre eles e os professores. Mesmo diante de muitas dificuldades encontradas pela educação brasileira por toda a sua história, como cortes de verbas, desvalorização do professor e violência no ambiente escolar, percebi que relações de atenção e de carinho ocorrem entre os protagonistas do processo educativo: professores e estudantes.

Sendo assim, me motivei a investigar como essas relações acontecem e quais seus desdobramentos no processo ensino-aprendizagem. Desta maneira, este trabalho busca investigar a existência de relações interpessoais positivas no ambiente escolar e entender se essas relações podem causar uma mudança positiva na vida do professor e/ou de seus estudantes.

Vale ressaltar que durante a coleta de dados desta pesquisa, fomos surpreendidos, desde março de 2020, pela pandemia de COVID-19. A escola foi fortemente impactada. Crianças, jovens, educadores(as), cozinheiros(as), demais servidores(as) da escola e seus familiares foram afetados. Todos tiveram que lidar com o desconhecido, primeiro o fechamento das escolas e em seguida o ensino remoto. Segundo dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) o fechamento das escolas afetou diretamente mais de 72% dos estudantes no mundo, e a falta de conectividade e equipamentos impediu que um terço das crianças não tivessem acesso ao ensino a distância (UNESCO, 2022a). Ainda segundo a UNESCO (2022b) “O surto de COVID-19 também é uma enorme crise educacional”. Somente no Brasil, o resultado foi a perda de mais de seiscentos e setenta mil vidas, número que segue aumentando diariamente quando auxiliado pelo que só pode ser descrito como uma gestão governamental omissa e irresponsável (SAVIANI, 2021). Em 2021, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) publicou um relatório sobre a crise na educação devido a pandemia de COVID-19 e o Brasil foi constado como o país do mundo com maior número

de crianças sem acesso a orientação após um ano de pandemia (LUCAS et al., 2021). Logo, pelo infortúnio efeito da pandemia, a pesquisa foi realizada de forma completamente remota em uma das escolas.

OBJETIVO GERAL

O presente trabalho visa investigar como as relações de afetividade e otimismo se manifestam na sala de aula, de forma a compreender seus efeitos e sua capacidade de transformação positiva na relação entre professores(as) e estudantes do Ensino Fundamental II de escolas públicas, na cidade de Uberlândia-MG.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conhecer como são as relações interpessoais positivas entre professores(as) e estudantes;
- Comparar as interações comportamentais entre professores e estudantes em momento de ensino presencial e remoto.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada em duas escolas da rede pública de Uberlândia-MG no Ensino Fundamental II, nomeadas neste texto por Escola Alfa e Escola Beta. Na Escola Alfa, a investigação ocorreu de outubro a novembro de 2019, já na Escola Beta, a pesquisa foi realizada de julho a setembro de 2021, durante o ensino remoto, devido a pandemia de COVID-19. Em cada escola, duas turmas de oitavo ano foram escolhidas por meio de sorteio, sendo que em cada uma delas 6 aulas de 50 minutos foram observadas, a partir da autorização da direção da escola e das professoras regentes.

Os dados foram coletados por meio de observação participante e de entrevista. O método de observação participante, segundo Minayo (2001) é realizado “(...) via contato direto do pesquisador com o fenômeno pesquisado, visando a obtenção de informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos”. Através desta metodologia de pesquisa, foi possível captar uma variedade de informações que não poderiam ser obtidas com exatidão pelo método da entrevista, assim ampliando a riqueza dos dados empíricos deste trabalho. Este pensamento é corroborado com Duarte (2004).

A mesma cita que,

entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados. Nesse caso, se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo (DUARTE, 2004).

Na escola em que a pesquisa foi realizada durante o ensino presencial (Escola Alfa), o pesquisador se manteve sentado no fundo da sala de aula, observando as interações ocorridas entre a professora e os estudantes, anotando-as em seu caderno de campo. Para a coleta de dados realizada por meio do ensino remoto (Escola Beta), o pesquisador acessava a aula remota a partir do link enviado pela professora, permanecendo durante todas as aulas, com a câmera e o microfone fechados.

A observação participante gerou relatos que descrevem características e comportamentos da professora de Ciências e de seus estudantes que podem ser encontrados no APÊNDICE desse trabalho, para a escola Alfa e para a Escola Beta. Para a análise e discussão no texto esses relatos, por sua vez, foram compilados em dados mais sucintos, com foco em atitudes positivas que pudessem expressar afeto e otimismo, os quais são apresentados no Quadro 1 (Escola Alfa) e no Quadro 2 (Escola Beta).

A segunda técnica de coleta de dados aplicada neste estudo foi a entrevista. Essa técnica de pesquisa qualitativa é, também como descrita por Minayo (2001, p. 57):

o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada (MINAYO, 2001).

As entrevistas conduzidas por perguntas previamente formuladas foram realizadas de forma individual, gravadas, aplicadas às professoras de ciências das turmas estudadas (Anexo A), de cada escola. Cinco estudantes (Anexo B) de cada turma, escolhidos por meio de sorteio, também foram entrevistados. Na escola Alfa as entrevistas ocorreram presencialmente e na Escola Beta, ocorreram de forma remota.

Para análise dos dados coletados, as observações realizadas foram aqui transcritas de forma participativa, sendo que o observador/pesquisador, inclui suas percepções nos relatos apresentados, tanto para as observações em sala de aula quanto para as entrevistas gravadas. Vale ressaltar que o observador/pesquisador também explicou aos entrevistados quanto ao contexto e definição utilizados para compreender a investigação plena da pesquisa: Afeto e otimismo. Campos e De Araujo (2022) possuem em seu artigo uma visão interessante sobre o amor, cuja pode ser também aplicada ao que neste trabalho é definido o afeto. O mesmo traz que,

hooks sinaliza a necessidade de definições objetivas sobre o amor, afinal, na maioria das vezes, não aprendemos, positivamente, sobre ele na infância. Ao contrário, crescemos acreditando que o amor pode ser muitas coisas, até mesmo abuso. E quando aprendemos concepções erradas sobre o que é o amor quando somos jovens, temos ainda mais dificuldade de nos tornarmos pessoas amorosas quando chegamos à vida adulta. (CAMPOS, DE ARAUJO, 2022).

O afeto e otimismo entre professor-aluno na presente pesquisa incorporam o que para bell hooks (pseudônimo de Gloria Jean Watkins) é definido como uma docência amorosa, porém, como o trecho acima exemplifica, nem sempre o estudante terá em sua concepção a mesma definição de afeto e de otimismo, mesmo que se explicada pelo entrevistador, pelo fato do mesmo poder ou não ter experienciado esses sentimentos e comportamentos, logo, não possuindo esta experiência amorosa propriamente dita. Desta forma, com relação aos dados coletados nas entrevistas realizadas nesse trabalho é possível que os estudantes não possuíssem completa compreensão do que se estava sendo perguntado ou avaliado, mesmo se os termos no contexto da pesquisa estivessem plenamente definidos.

As diferentes turmas das duas escolas serão citadas aqui como turmas 1 e 2 para a escola Alfa, e turmas 3 e 4 para a escola Beta. Os resultados serão organizados em quadros que posteriormente, serão discutidos. Para os resultados obtidos das entrevistas gravadas, iniciarei abordando todas as perguntas voltadas aos estudantes sorteados, e então levarei à mostra as respostas das professoras de Ciências de ambas as escolas. Para a análise de dados das entrevistas foram consideradas apenas as partes que se relacionavam com o tema de pesquisa, “otimismo” e “afetividade”, seguindo a linha das perguntas cuja definição dessas qualidades para a pesquisa se encontra na Introdução. Para fins de maior clareza para o leitor, no relato completo da observação participante que se encontra no apêndice desse texto serão realizadas marcações em amarelo que

identificam as informações apresentadas no Quadro 1 e no Quadro 2, como dados expressivamente relacionados ao tema da pesquisa.

Logo, frente a esse grande volume de dados coletados por meio das observações foram definidos critérios para a categorização dos mesmos. De forma geral, apresentados no Quadro 1 e 2, analisei a personalidade, mais especificamente, a forma de dialogar e de agir das professoras e de suas turmas, bem como suas interações positivas, como elogios, estímulos incentivadores e questionamentos que pudessem se entender para além da relação profissional de professor e aluno. Desta forma, demonstrações de interesse pela vida pessoal também foram consideradas vínculo emocional e, conseqüentemente, afetivo. Sendo assim, as palavras-chave usadas na análise das observações foram ligadas ao carinho, a intimidade, a elogios e a motivação. Essas relações positivas podem ser consideradas afetos de alegria ou bons encontros, que segundo Baruch de Espinosa, grande filósofo racionalista a tratar do tema dos afetos, aprofunda essas definições como sendo momentos onde nos tornamos mais próximos de nós mesmos e do mundo, ampliando nossa capacidade de ser afetado e também de dar afeto nesse processo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através das aulas assistidas, e posteriormente com aplicação, gravação e transcrição das entrevistas em ambas as escolas, pudemos evidenciar algumas características e visualizar momentos de interações afetivas entre os estudantes e suas professoras.

Análise da observação participante

Durante a observação participante, pude notar que diversos fatores para além daqueles que professor e a escola tem domínio (conteúdo a ser trabalhado, condições físicas da sala de aula, regras de conduta, etc.) podem afetar o comportamento dos estudantes, como por exemplo as experiências e desafios pessoais de cada um deles e suas diferentes maneiras de interpretar o mundo.

Na Escola Alfa durante a coleta de dados o conteúdo trabalhado pela professora era Corpo humano e sexualidade (Quadro 1). Esse tema desperta naturalmente grande interesse pelos estudantes. O trabalho de Duré, Andrade e Abílio (2018) reforça e explicita essa ideia, e apesar de ser uma pesquisa voltada sobretudo a estudantes do ensino médio, ainda é aplicável aos jovens nos períodos finais do ensino fundamental II, fase em

que já possuem idade mínima suficiente para serem considerados pré-adolescentes ou adolescentes. Este artigo cita que,

o corpo humano e a sexualidade, para uma grande parcela dos jovens são conteúdos consideravelmente significativos em suas vidas, já que nesta fase, eles possuem enorme curiosidade e, com a aula, podem sanar suas dúvidas e comparar, os conhecimentos adquiridos com seus próprios corpos, o que facilita a contextualização desses assuntos com suas vidas íntimas e os motiva a se concentrarem nas aulas (DURÉ; DE ANDRADE; ABÍLIO, 2018).

Entretanto, para além do conteúdo trabalhado, acredito que a maior parcela desses resultados positivos apresentados na Escola Alfa, se deem de fato pela maneira como ambas as partes interagem (professora e estudantes), especificamente se há a presença de um ambiente de otimismo e de uma relação afetuosa entre elas. De Paula (2010) fundamenta a importância desse vínculo afetivo entre professor e aluno, apresentando o afeto no contexto do aprendizado como “uma forma competente de aproximar-se do indivíduo a ser educado e conduzir seu processo de dissimulação, estimulando-o para que esse processo seja de fato enriquecido”.

Quadro 1: Características das aulas e comportamentos da professora e dos estudantes observados em aulas de Ciências na Escola Alfa, nas turmas estudadas (turma 8-1 e turma 8-2).

	Características e comportamentos	
	Turma 8-1	Turma 8-2
PROFESSORA	Personalidade e atitude leve; extrovertida	Personalidade e atitude leve; menos extrovertida
	Atenciosa e cordial; aberta para responder dúvidas da disciplina (corpo humano e educação sexual)	Atenciosa e cordial; aberta para responder dúvidas sobre a disciplina (*corpo humano e educação sexual)
	Aberta para responder dúvidas da vida pessoal	Mais aberta para responder dúvidas da vida pessoal
	Demonstra admiração e reflete respeito mútuo	Demonstra admiração e pede por mais respeito dos estudantes
	Brincadeiras mais frequentes	Brincadeiras ocasionais
	Solicita silêncio/atenção dos estudantes; momentos mais raros	Solicita silêncio/atenção dos estudantes; momentos mais frequentes
	Demonstra preocupação com o estado do aprendizado dos estudantes	Demonstra mais preocupação com o estado

		do aprendizado dos estudantes
	Conforta, elogia e motiva os estudantes	Conforta, elogia e motiva muito os estudantes
	Metodologia ativa	Metodologia ativa
ESTUDANTES	Descontraídos, se sentem alegres e confortáveis na presença da professora	Mais descontraídos, se sentem alegres e confortáveis na presença da professora
	Brincam constantemente, mas dentro do limite combinado**	Brincam muito constantemente, comumente ignorando o limite combinado
	Conversam, porém na maioria das vezes cumprindo o limite combinado	Conversam constantemente, comumente ignorando o limite combinado
	Demonstram e relatam favoritismo pela professora	Demonstram e relatam favoritismo pela professora
	Demonstram grande carinho pela professora	Demonstram grande carinho pela professora
	Elogiam a professora	Elogiam muito a professora
	Possuem alto grau de engajamento na disciplina; participativos	Possuem menor grau de engajamento na disciplina

(*) O conteúdo trabalhado nas aulas pela professora, durante a observação participante era Corpo humano e sexualidade.

(**) O limite combinado se refere a um acordo pré-estabelecido pela professora de ciências para com os estudantes, em que eles estariam livres para interagirem com conversas e brincadeiras entre si enquanto a professora estivesse traçando o conteúdo no quadro negro, porém, assim que se iniciasse o momento da explicação, todos deveriam fixar suas atenções na professora e permanecerem em silêncio.

A identificação e análise do comportamento entre a professora e seus estudantes, especialmente no período de observação, se mostraram mais difíceis de serem identificadas e interpretadas na Escola Beta (Quadro 2). Isso ocorreu devido ao fato de as aulas estarem sendo ministradas de forma remota. Na maioria das vezes, as câmeras e saídas de áudio, as formas mais diretas de interação entre professor e aluno no ensino remoto, permaneciam desligados por parte dos jovens. Esta hipótese é confirmada nas entrevistas gravadas, em que tanto a professora quanto diversos estudantes das turmas 3 e 4 relataram a quão incerta é a identificação e a mensuração de ocorrência de interações e relações positivas de afeto e otimismo entre eles.

Apesar da existência desse desafio apresentado na etapa de observações remotas na Escola Beta (Quadro 2), no entanto, pude confirmar através das entrevistas que a maioria dos estudantes de ambas as turmas acreditavam na existência de relações mútuas

de atenção, respeito e carinho para com a professora de ciências, e o mesmo é relatado pela professora em relação a seus alunos. Ela citou que apesar da dificuldade de mensurar a existência dessas relações, ainda era possível notá-las a partir do momento em que os estudantes tentavam interagir com ela. De acordo com De Paula (2010), é através da vivência que existe o estímulo afetivo e consequentemente é estabelecido um vínculo afetivo entre os objetos de estudo, o que pode justificar a resposta da professora, mesmo sendo uma conexão de menor intensidade.

Já dentre as respostas obtidas pelos estudantes, ressalto um indivíduo da turma de número quatro, que apresentou uma resposta mais elaborada para exemplificar este ponto. O mesmo citou que a demonstração de afeto da professora com os estudantes era positiva, e por consequência disso, eles eram influenciados a direcionar suas atenções à disciplina. Esta resposta fortalece ainda mais o argumento anterior, corroborado por De Paula (2010). Quanto à existência de otimismo especificamente, as respostas foram completamente positivas tanto para os estudantes quanto para a professora. Ao ponderar exclusivamente meu ponto de vista pessoal como pesquisador durante as observações quanto à existência ou não dessa relação de otimismo, constantes eram os momentos em que a professora ativamente buscava motivar seus estudantes, verbalizando sua preocupação com o aprendizado e as notas dos jovens.

Quadro 2: Características e comportamentos da professora e dos estudantes observados em aulas de Ciências na Escola Beta, nas turmas estudadas (turma 8-3 e turma 8-4).

	Características e comportamentos	
	Turma 8-3	Turma 8-4
PROFESSORA	Personalidade e atitude leve; sorridente, porém reservada	Personalidade e atitude leve; sorridente, porém reservada
	Atenciosa e cordial; aberta para responder dúvidas da disciplina (sistema digestório)	Atenciosa e cordial; aberta para responder dúvidas da disciplina (sistema digestório)
	Raramente expõe a vida pessoal	Raramente expõe a vida pessoal
	Demonstra mais neutralidade e pede por mais interações por parte dos estudantes	Demonstra certa admiração e pede por mais interações por parte dos estudantes
	Brincadeiras raras, aparenta falta de proximidade com a turma	Brincadeiras raras, aparenta falta de proximidade com a turma

	Exige participação constantemente; sem êxito na maioria dos momentos	Exige participação em momentos; com certo êxito
	Motiva os estudantes em momentos	Motiva os estudantes em momentos
	Metodologia ativa, porém, grande ausência de resposta dos alunos	Metodologia ativa, porém, ausência de resposta dos alunos
	Câmera aberta	Câmera aberta
ESTUDANTES	Silenciosos, pouca interação por voz com a professora	Silenciosos, interação mediana por voz com a professora
	Nos momentos em que há participação, não ocorrem brincadeiras	Nos momentos em que há participação, não ocorrem brincadeiras
	Raramente demonstram interesse pela disciplina ou a relação com a professora	Demonstram interesse pela disciplina em momentos e em relação com a professora
	Aparentam irritação ou incômodo com os pedidos de participação da professora	Aparentam irritação ou incômodo com os pedidos de participação da professora
	Não demonstram interações e carinho	Raramente demonstram interações de carinho
	Elogiam a professora quando questionados sobre a aula	Elogiam a professora quando questionados sobre a aula
	Em momentos de atraso, pedem desculpas à professora e explicam	Em momentos de atraso, pedem desculpas à professora e explicam
	Câmeras fechadas em todos os momentos	Câmeras fechadas em quase todos os momentos
	Grande maioria dos microfones desativados e pouca interação por chat	Maioria dos microfones desativados e interações por chat medianas

Na Escola Alfa, no entanto, a ocorrência de momentos afetuosos e de otimismo entre a professora e a turma eram mais frequentes, claros e aparentes. Devido ao modelo presencial de ensino, interações como elogios, advertências, repreensões e expressões faciais trocadas entre ambos eram facilmente compreensíveis, logo, houve mais facilidade na captação e interpretação de dados para ambas as turmas desta escola. Nas turmas 1 e 2, diversos foram os momentos em que interações positivas de afeto e otimismo foram trocados entre a professora e os estudantes, servindo como base e reforço para as respostas dadas pelos alunos durante as entrevistas, cuja maioria aparentavam e até mesmo

explicitavam favoritismo pela professora de ciências (Quadro 1). A professora também demonstrava grande carinho pelos jovens, inclusive dialogando a respeito de sua vida pessoal em alguns momentos em que era questionada a respeito, bem como elogiando-os quanto não somente à nota e entendimento da disciplina, mas também quanto às suas aparências físicas.

É ostensivo que uma boa relação regida por sorrisos, elogios, encorajamentos, aconselhamentos e gentilezas tornem a convivência entre as pessoas mais sustentável, o que se inclui também no ambiente escolar. Essas relações, no entanto, podem ir além. Durante as observações da turma 2, notei que era uma turma caótica, os estudantes não demonstravam muito foco e eram muitas vezes irreverentes aos pedidos da professora, o que conseqüentemente levava a uma maior dificuldade em ministrar as aulas. Ao longo das observações e entrevistas nessa turma, pude compreender que ela era considerada por diversos professores e até mesmo pelos estudantes da própria classe como a pior turma da escola. Porém, diferentemente dos outros professores que eram relatados como negativos em direção à turma, a professora de ciências buscava se conectar, ajudar e compreender os jovens. Ela demonstrava ser tão afetuosa e otimista quanto na primeira classe, e os motivava a estudar para atingirem seus potenciais. Muitos desses jovens, assim como na turma 1 constataram favoritismo pela professora e pela disciplina, devido a esse tratamento positivo da docente, e apesar das médias de notas em ciências serem inferiores às outras classes, descobri durante as entrevistas através do relato da professora que essa média de pontuação era superior se comparado com as outras disciplinas. Esse relato fortalece a hipótese de que as relações de afeto e otimismo podem levar a felicidade dos indivíduos envolvidos nessa relação, mas também podem colaborar com o desenvolvimento escolar dos jovens. É fato que diversos fatores como os citados anteriormente estejam ligados ao desempenho da classe, como por exemplo dificuldades em casa e experiências de vida que os moldam a ser como são, mas, como colocado por De Paula (2010), “o melhor local para demonstrar a um indivíduo que a felicidade existe, além da própria casa, é a escola. E se essas pessoas não tiverem afeto e carinho em suas vidas, é imprescindível que nós como docentes, mostremos isso a elas”.

Em suma, diversos foram os momentos que demonstraram as opiniões dos jovens da turma e também da professora apontando a importância da existência de relações positivas de afeto e otimismo, seja partindo da professora ao mostrar que acredita na capacidade intelectual de seus alunos e tentando aproximações amigáveis, ou partindo dos estudantes ao expressar interesse na vida pessoal da professora e elogiando sua

personalidade e metodologia. Apesar do momento de aulas estritamente remotas na Escola Beta, em que essas hipóteses e conclusões fossem ser aparentes com apenas durante as entrevistas, as relações de afetividade e otimismo entre professor e aluno continuaram aparentando ter grande destaque e correlação com o interesse dos estudantes à disciplina. E por fim, até mesmo para os jovens que não necessariamente acreditavam na correlação dessas interações positivas de professora-alunos com a melhoria de notas e o aumento de foco na matéria, é evidente que a existência desses momentos em sala de aula torna o ambiente escolar mais sustentável tanto para eles quanto para sua professora.

Entrevistas Gravadas: Com a palavra, os estudantes

Na primeira pergunta (figura 1) da entrevista individual, foi questionado aos estudantes sobre como era a relação deles com a professora de Ciências, e se possível, para justificarem sua resposta. Na Escola Alfa, seis alunos responderam que a relação era ótima, três disseram que era boa e um opinou que era regular. Já na Escola Beta, houve oito respostas dadas como ótimas e as duas como boa. Na Escola Alfa, as justificativas que se destacaram entre os estudantes foram que a professora de Ciências foi descrita como uma pessoa divertida e atenciosa, que se dispunha a ouvir problemas e tentava ajudar cada um. Ela também fora descrita como muito competente, possuindo uma ótima didática e dando muitas oportunidades aos jovens das turmas para conseguirem aprovação semestral. Nesta questão, uma garota disse que considerava esta professora como sua favorita, e outra chegou a considerá-la até mesmo como uma irmã.

Quanto às justificativas dadas pelos estudantes da Escola Beta, pôde-se notar que a disciplina de Ciências era uma das favoritas entre eles, o que conseqüentemente, os levaram a gostar da professora que ministrava a disciplina. Outra justificativa que se repete é que a professora tirava muitas dúvidas e os deram grande suporte. Inclusive, dois dos estudantes salientavam que, apesar de não a terem conhecido pessoalmente devido ao período de aulas puramente remoto, eles por conseqüência possuíram uma boa relação com sua docente, devido a esse suporte e atenção.

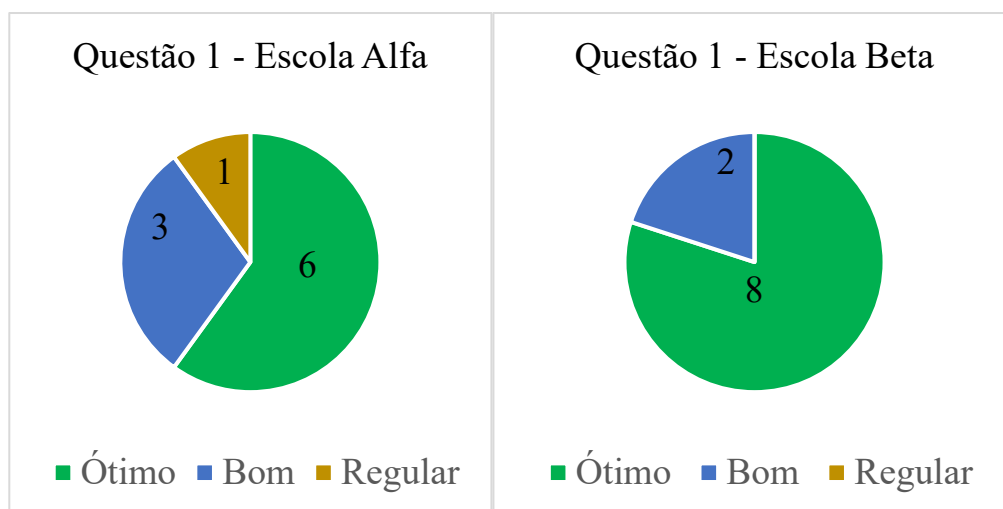


Figura 1 – Respostas da pergunta 1 aos estudantes das Escolas Alfa e Beta.

Em resposta à pergunta 2 (figura 2), onde era pedido aos estudantes que falassem se relações de carinho, respeito e atenção podem e devem ocorrer no ambiente escolar, na Escola Alfa, sete estudantes responderam que sim, sendo quatro deles presentes na Turma 1 do 8º ano e três na turma 2; e três alegaram que não, sendo um da turma 1 e os outros dois da turma 2. Na Escola Beta, oito responderam que essas relações ocorriam, sendo todos da turma 3 e dois da turma 4; uma pessoa da turma 4 disse que não; e outro, também da turma 4, nos deu uma resposta contada como incerta, pois este argumentou que essas relações de afetividade nem sempre aconteciam, e que ele as considerava estranhas de ocorrerem no ambiente escolar.

Entre os estudantes da Escola Alfa que responderam sim à questão 2, é destacável que a professora possuía um vínculo afetivo com eles, que outros professores não possuíam. A professora interagiu alegremente, fazia piadas, brincadeiras e até mesmo os apelida, fortificando essa visão de que a professora possui grande carinho e respeito por eles. Os estudantes que responderam não, alegaram que essas relações nunca aconteceram, e que era puramente uma relação escolar. Ao responderem à pergunta quando voltada para a relação afetiva de alunos entre alunos, quase todos disseram que a relação não era abertamente afetuosa, pois as turmas se fragmentavam em diferentes grupos de amigos, e esses grupos de amigos não costumavam interagir uns com os outros, levando ao afastamento.

Já na Escola Beta, mais uma vez as explicações comuns envolveram a dificuldade de medir a existência ou não dessa relação afetiva através das aulas remotas, seja entre professor-estudante ou até mesmo entre os próprios colegas de classe. Apesar disso, os

estudantes salientam que a professora demonstrava uma postura aberta, amigável, respeitosa e constantemente tenta fazê-los participar da aula, o que fazia com que eles considerassem essa postura da professora como afetuosa.

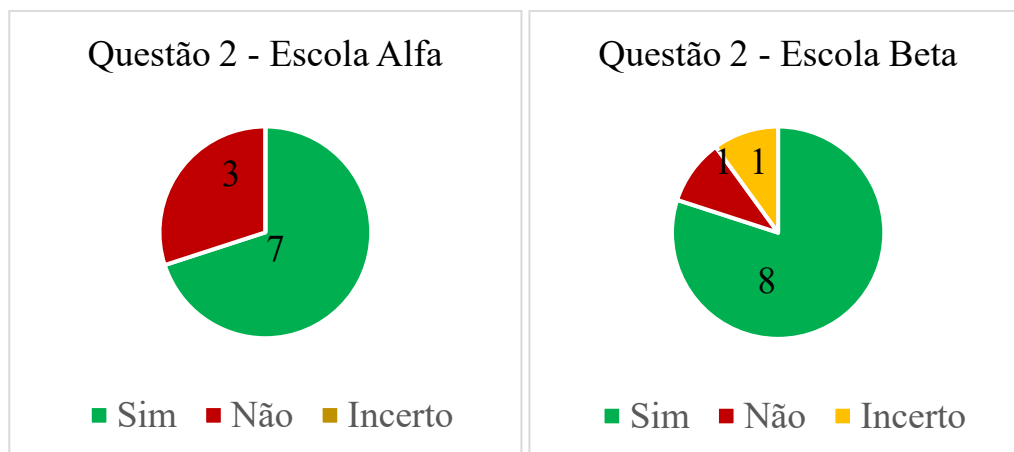


Figura 2 – Respostas da pergunta 2 aos estudantes das Escolas Alfa e Beta.

Na terceira pergunta (Figura 3), os jovens foram questionados se existia uma relação afetiva entre eles e sua professora de Ciências, e que eles descrevessem como era essa relação. Na Escola Alfa cinco pessoas disseram que sim, sendo três do 8-1 e dois do 8-2; e as outras cinco pessoas, duas da turma 1 e três da turma 2, falaram que não. Na Escola Beta, cinco jovens disseram que sim, sendo apenas uma da turma 3 e os outros da turma 4; quatro responderam que não, sendo três da classe 3 e um da 4; e um último da turma 3 argumentou que sim, mas depois disse que não considerava essa relação exatamente como afetiva, e que era puramente escolar.

Dos estudantes que disseram sim na Escola Alfa, as explicações dadas por eles em perguntas anteriores se repetiram: A professora brincava com eles, possuía uma postura bastante atenciosa e os respeitava. Um deles contou que a professora fica chateada quando alguém tirava notas baixas e os incentivava a estudar. Quanto aos cinco que responderam não, apenas dois deles desejaram explicar o motivo da resposta. Eles explicaram que a relação entre professor e aluno que eles possuíam ali era, puramente escolar.

Na escola Beta, quantificar as respostas até mesmo positivas foi mais complexo. A maioria, independente das respostas positivas ou negativas, explicou que eles não a conheciam além da tela do computador. Devido a isso, alguns disseram que não por acreditarem que a relação entre eles era, puramente de professor e aluno, enquanto alguns que responderam sim, atribuíram suas respostas à professora ter sido atenciosa com suas

dúvidas, ter interagido com eles e por se importar com a presença deles nas aulas remotas.

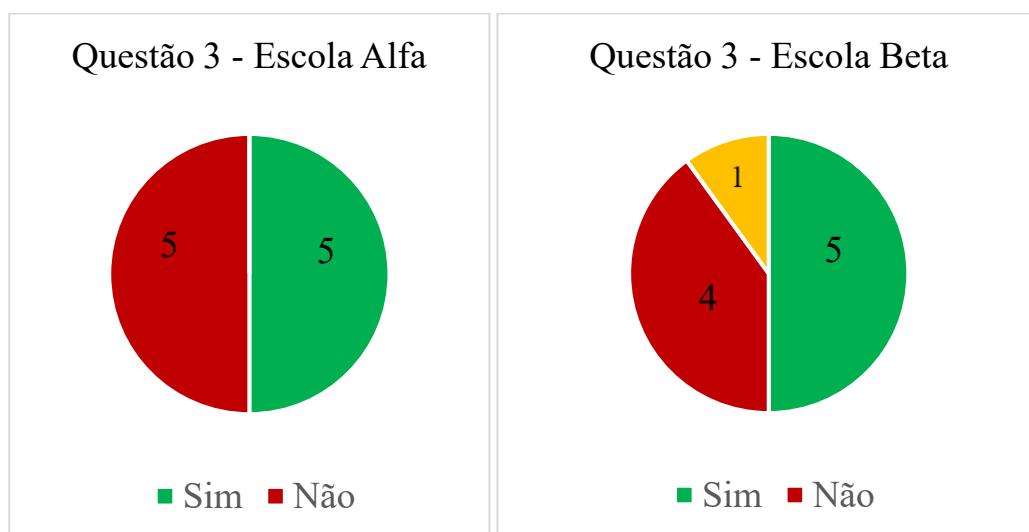


Figura 3 – Respostas da pergunta 3 aos estudantes das Escolas Alfa e Beta.

Na pergunta 4 (Figura 4), os estudantes foram questionados se acreditavam que a afetividade entre eles e a professora de Ciências poderia interferir em seu interesse e desempenho na disciplina, e que eles opinassem sobre de que forma isso poderia ocorrer, caso a resposta fosse sim. Na Escola Alfa, houve cinco respostas afirmativas, duas na turma 1 e três na turma 2; e cinco negativas, três na turma 1 e duas na turma 2. Na Escola Beta, os resultados se mostraram mais positivos, sendo todos os jovens da turma 8-3 e mais três da turma seguinte dizendo sim, e apenas dois dizendo que não, na turma 8-4.

Percebe-se que as opiniões dos estudantes foram divergentes de duas formas e, logo, muito interessantes de se observar. Na Escola Alfa, como dito acima, metade negou a possibilidade de que esta afetividade vinda da professora afetasse seus interesses e notas, e justificaram dizendo que seu papel como professora e como uma possível amiga são diferentes, e que ambos se mantêm separados, sem se afetarem positivamente. Esta resposta se repetiu até mesmo a alguns que responderam sim para a questão anterior. A outra metade acredita que de fato, esse vínculo afetivo pode interferir em seus aprendizados. Eles explicaram que, quando uma professora trata um estudante com atenção, este se interessa mais nas palavras da professora e na disciplina, o que interfere em suas notas em momentos posteriores. Na Escola Beta, estas mesmas explicações se repetiram, tanto para sim, quanto para o não.

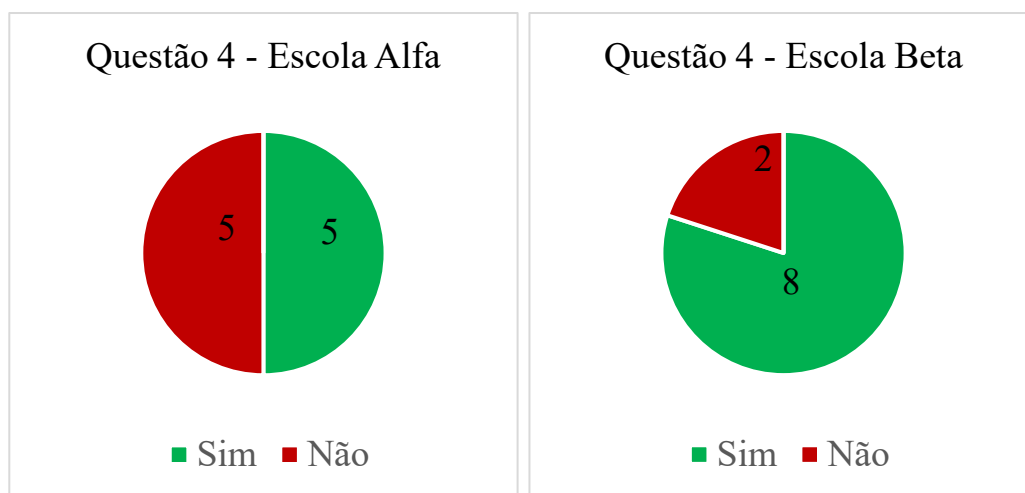


Figura 4 – Respostas da pergunta 4 aos estudantes das Escolas Alfa e Beta.

Quanto à penúltima pergunta (pergunta 5, Figura 5) “Você acredita que o professor de Ciências é otimista?”, todos os jovens de ambas as turmas, em ambas as escolas em que a entrevista foi aplicada, a resposta foi completamente unânime: Sim. Na Escola Alfa, onde estudante e professor possuem presença fisicamente próxima, a formação de uma conexão entre as partes é mais facilmente notável, logo, nesta pergunta os estudantes da puderam explicar melhor sobre o porquê de acreditarem no otimismo de sua professora de Ciências. Eles alegam que ela essencialmente é uma pessoa sorridente, o que ajuda no clima do ambiente escolar sempre que ela está presente. Ela também os faz se esforçarem e os apoiam, vendo o potencial em cada um dos estudantes, tentando sempre igualar a sala e não deixando um indivíduo ou outro para trás na disciplina. No oitavo ano, turma 2, inclusive, onde a turma era considerada a pior da escola pelo corpo docente com a justificativa de que eles eram desinteressados, todos os entrevistados disseram o mesmo que acima. Quanto à Escola Beta, as justificativas eram similares, mas não tão elaboradas, pela falta de contato presencial. Apesar disso, como dito acima, todos a consideraram otimista.

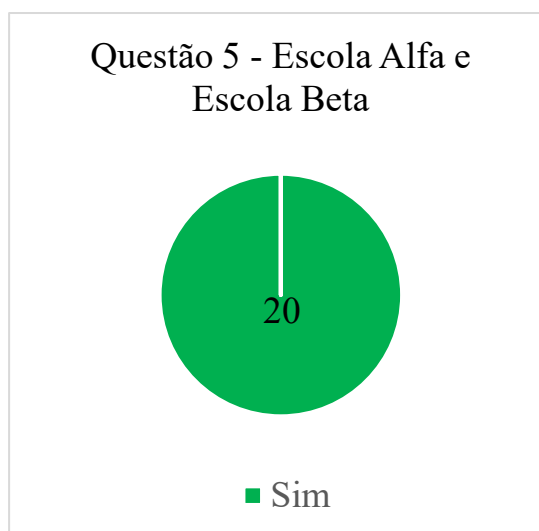


Figura 5 – Respostas da pergunta 5 aos estudantes das Escolas Alfa e Beta.

E como conclusão às perguntas voltadas para as quatro classes (pergunta 6, Figura 6) “Como o otimismo pode interferir na relação entre as pessoas no ambiente escolar?”, na Escola Alfa, seis expressam que o estudante acreditava que exista uma interferência benéfica na presença do otimismo no ambiente escolar. Que o professor acreditasse nos estudantes, estaria construindo um ambiente mais harmonioso. Duas respostas foram negativas, sendo uma em cada turma; e outras duas foram consideradas como incertas, ambas no 8-2. No caso das negativas, foram consideradas as respostas em que o estudante não acreditava que o otimismo no ambiente escolar poderia interferir em suas vidas, sendo assim indiferentes a presença ou ausência do otimismo. As respostas dos estudantes da Escola Beta, todas foram positivas.

Uma garota da turma 1 da Escola Alfa, citou um exemplo de um determinado professor, dizendo que este menosprezava os estudantes em sua classe e os tratava com ignorância, demonstrando uma atitude pessimista e de desrespeito em relação a eles. Ela explicou que essa atitude desmotivava a turma, o que fazia com que ela e seus colegas de classe desejassem não estarem ali, e tampouco existia o interesse pelo próprio assunto da disciplina devido a esse tratamento. Outras justificativas apontaram que um ambiente escolar com maior otimismo poderia até mesmo melhorar toda a rotina diária das pessoas, não de aspectos ligados apenas ao âmbito escolar, mas também em suas vidas pessoais. Explicativas como esta se repetiram também na Escola Beta. Entre estas respostas dos jovens da Escola Beta, transcrevo abaixo alguns exemplos:

“Acho que (o otimismo) talvez pode interferir da gente pensar bastante positivamente e nos fazer irmos às aulas.”;

“(O otimismo pode interferir) de forma positiva, pra todo mundo. Pode melhorar nossa autoestima, ter vontade maior de estudar e de ter uma melhor relação professor e aluno.”;

“Acredito que (o otimismo) interfere positivamente. Se alguém acredita em você, você vai se sentir capaz também e se tornar capaz de fazer as coisas de maneira melhor que fazia antes.”

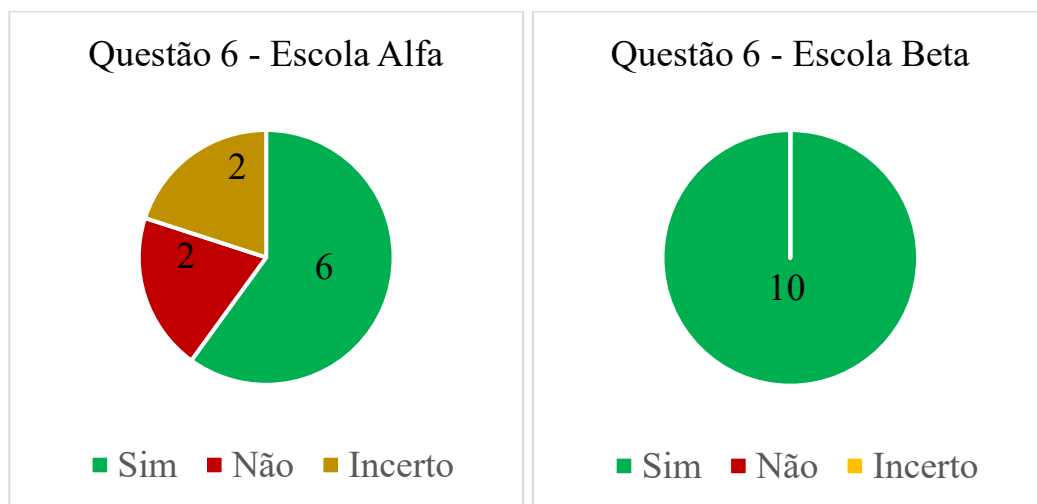


Figura 6 – Respostas da pergunta 6 aos estudantes das Escolas Alfa e Beta.

Entrevistas Gravadas: Com a palavra, as professoras de Ciências

Às professoras de Ciências quando perguntadas como era sua relação com as turmas estudadas, ambas descreveram diferenças entre elas. A professora de Ciências da Escola Alfa, descreveu sua relação como ótima em uma das turmas relatando que nesse caso ambas as partes conseguiam se entender dentro de seus respectivos limites. Ela citou que tentava se ajustar ao perfil da turma e que eles possuíam liberdade para conversarem com ela quando se mostravam incapazes de realizarem as diferentes atividades propostas. Já em relação à turma 2, ela argumentava que possuía maior dificuldade de entendimento, pois a turma era mais desmotivada. Percebia que eles próprios (os estudantes) não acreditam que eram capazes, e que eram considerados como a pior turma da escola, o que acabava tornando o entendimento entre ambas as partes mais difícil. Mas de qualquer maneira, ela ainda classificava a relação entre ambos como boa.

Na entrevista aplicada à professora de Ciências da Escola Beta, a professora considerava sua relação boa com uma turma e ótima com a outra, mas ressaltou haver uma certa dificuldade em mensurar a qualidade dessa relação dada a condição de aulas remotas. Em relação a turma cujo relacionamento era considerado ótimo, a professora

contou que conseguia estabelecer diálogo com um maior número de alunos, que participavam das atividades propostas.

A segunda pergunta para as professoras questionava suas opiniões quanto as relações de afeto, se essas relações ocorriam no ambiente escolar e por quê. A professora da Escola Alfa afirmou que sim. Que em sua opinião, alguns professores ainda conseguiam manter essa relação de proximidade e cordialidade, e entendia que quanto mais próxima sua relação com o estudante, melhor seria seu desenvolvimento na aula.

A professora da Beta também afirmou que essas relações afetivas ocorriam. Segundo ela, era necessário tentar manter o profissionalismo, mas ainda assim ela desenvolvia relações afetivas interpessoais no ambiente escolar, pois alguns alunos acabam se aproximando dela para além da pessoa professor.

A questão seguinte era voltada à existência ou não de uma relação afetiva entre elas como professoras, e as suas turmas estudadas. A professora da Escola Alfa afirmou que havia afetividade em relação a ambas as turmas. Ela dizia tentar entender que aos jovens são seres humanos, pessoas únicas, que passavam por problemas e possuíam dificuldades tanto na escola, quanto em suas casas. Ela então dizia que gostava de manter essa relação próxima com eles, pois isso poderia trazer a ela, a liberdade de cobrança. Ela poderia cobrá-los e incentivá-los a realizarem tudo o que era necessário para o crescimento na disciplina. Ela continuava relatando que ambas as partes confiavam um no outro, e que possuía um carinho muito grande por eles, tentando sempre demonstrar isso para que a classe percebesse que eles eram amados e que possuíam alguém que acreditasse em cada um deles, o que fortalecia suas confianças e isso possivelmente, poderia afetar para além de suas vidas escolares. No 8-2, ela tentava ainda mais fazer esses jovens acreditarem nessa relação afetiva de professor-aluno, bem como em seus potenciais, mas possuía uma maior dificuldade nesse aspecto, por eles conhecerem seu status como a pior turma da escola, dado por outros professores.

Para a professora da Escola Beta, no entanto, mensurar a existência de uma relação afetiva na escola era mais difícil. Ela contava que conseguia perceber a afetividade por parte de alguns estudantes, pois eles mandavam mensagens e tentavam diálogo com ela, apesar de serem poucos. Para tentar se aproximar dos estudantes a professora relatou que enviava mensagens para os estudantes que não interagiam ou não dialogavam nas aulas remotas, questionando-os se eles estavam bem ou se precisavam de algum tipo de ajuda. Disse que infelizmente não sabia como sua turma via esta questão no ensino remoto. Já no 8-4, ela afirmou perceber a existência de uma relação afetiva, uma vez que havia um

maior número de interações, inclusive de afetividade.

Com relação a pergunta “Você acredita que a afetividade entre professor e aluno pode interferir no trabalho docente? E de que forma isto pode ocorrer?”, para a professora da Escola Alfa, a afetividade de fato interferia. Quando ela estava mais próxima da turma, ela se sentia capaz de realizar atividades incomuns que podiam funcionar melhor para a fixação dos conteúdos nas turmas. Ela também citou que demonstrar esses sentimentos afetivos à turma os estimulava a participar das aulas. Quanto ao 8-2, o mesmo se aplicava, porém era uma turma mais complexa, pois muitos jovens eram desinteressados, possuindo entre eles desde alunos com dificuldades extremas de aprendizado até alunos que relataram querer ir para o tráfico de drogas. A professora se esforçava bastante com eles, tentando fazê-los perceber que eram capazes de conquistar suas notas, e isso havia surtido efeito naquele semestre, segundo ela. Ela explicou que na época, o índice de recuperação semestral anterior estava alto, tendo 27 indivíduos na lista, mas ao longo do semestre seguinte, o número diminuiu severamente enquanto em outras disciplinas essa queda não ocorreu. Logo, quanto mais ela demonstrava a eles seu carinho, e que eles eram capazes, mais eles melhoraram seus desempenhos em sala de aula. Dentre os que de fato reprovaram em sua disciplina, foram poucos estudantes, que haviam desistido da escola e não apareciam nas aulas. Essa melhoria a deixou contente e solidificou sua crença quanto à resposta desta pergunta.

A professora da Escola Beta também disse que acreditava que a afetividade poderia interferir em seu trabalho docente, porém esta assumiu uma postura um pouco diferente. Ela advertiu que a afetividade podia sim influenciar positivamente no interesse e as eventuais notas dos alunos das turmas, mas era necessário ser cuidadosa quanto à profundidade dessa relação, pois as relações afetivas não deviam se sobressair em relação às profissionais e a pessoa do professor.

Para a quinta questão, “A existência de afetividade entre o professor e aluno pode influenciar no envolvimento do aluno nas aulas e no aprendizado?” as respostas da professora da Escola Alfa foram bastante similares à anterior. A professora acreditava que a afetividade poderia motivar os estudantes. Em resposta a essa pergunta, a professora da Escola Beta disse em sua concepção, o estudante que apresentasse maior afetividade com o professor estaria por consequência conseguindo se vincular mais ao conteúdo e teria possivelmente, maior sucesso na disciplina. Esse relato corrobora com Silva (2017), que argumenta a favor “da necessidade do professor em estabelecer uma conexão entre o desenvolvimento cognitivo com a afetividade para com seus alunos, de forma a tornar o

ensino-aprendizado mais eficaz”. A professora enfatiza de que ações afetivas não devem ser exclusivas do professor ou professora, mas que o estudante também deve estar disponível para receber e dar afeto, sendo assim, uma via de mão dupla.

Com relação a questão 6 “Você acredita que as pessoas no ambiente escolar são otimistas? Por quê?” as professoras apresentaram visões distintas. A professora que ainda estava em período de aulas presenciais em uma escola estadual disse que não, e continuava explicando que o ambiente escolar era bastante desmotivador de se trabalhar. Tópicos como as condições de trabalho, carga horária, salário, as exigências do governo em relação ao docente e a culpabilização do professor em relação a todas as coisas negativas que poderiam vir a acontecer nas escolas eram extremamente desmotivante. Em sua opinião, estar dentro do ambiente escolar não era nada motivador ou otimista, o que era bem triste para ela.

Ao contrário da professora da Escola Beta, uma escola federal, ela acreditava que apesar do momento de pandemia que vivíamos, ainda existia esse otimismo no ambiente escolar. Ela afirmava que a educação nesse ambiente era ainda uma forma de dar oportunidades a todas as pessoas, e que seus colegas ainda acreditavam na educação apesar de tudo. Em relação aos alunos de ambas as turmas, ela dizia ser incapaz de notar e mensurar essa questão, pelo fato de ela não conseguir nem mesmo vê-los, devido à natureza das aulas remotas, em que esses jovens preferiam não abrir as câmeras. Tampouco a maioria deles conversavam ou demonstravam algo que a professora pudesse confirmar com exatidão, então, esse otimismo só parecia existir entre aqueles poucos que ela havia tido maior contato verbal durante as aulas.

Finalizando as questões aplicadas às professoras (Pergunta 7), foi perguntado “Como o otimismo pode interferir na relação entre as pessoas no ambiente escolar?” A professora da Escola Alfa respondeu que pessoas motivadas criavam um ambiente de trabalho mais leve. Além disso disse que o otimismo poderia transformar professores e alunos. Citou um exemplo de que em alguns dias que ela ia para a escola se sentindo feliz, suas aulas passavam rápido, enquanto ela tentava fazer suas turmas se sentirem bem participando das aulas. Segundo ela seu papel, era fazer com que seus alunos vissem que eram capazes e que poderiam ter sucesso. Ela citou que, as pessoas rotulavam por exemplo a turma 2 como a pior da escola, mas essas pessoas não faziam ideia de como eram suas vidas, lutas, dificuldades e sofrimentos. Sendo assim, ela precisava comparecer na sala de aula e motivá-los a serem melhores, e fazer eles levassem essa motivação não só para a disciplina de Ciências, mas também para as outras e para suas vidas pessoais.

A professora de Ciências da Escola Beta também disse concordar com a contribuição positiva do otimismo para o ambiente escolar, uma vez que a partir desses pensamentos otimistas, tanto professores quanto alunos conseguiriam fazer parcerias e colaborações um com o outro para que seus desejos no âmbito escolar sejam realizados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos períodos finais de minha trajetória como professor em formação, me encontrei refletindo sobre a jornada que tomei como minha. Busquei me entender não apenas como alguém prestes a ser um profissional, mas também como pessoa. Questionei minhas atitudes, escolhas, e história ao longo desses mais de vinte anos de existência. Dentre essas histórias, me lembrei de como, e por quê decidi iniciar essa jornada como educador. Um professor de ciências de meu ensino fundamental, que acredito que sua personalidade e atitudes cordiais me motivou subconscientemente a buscar o conhecimento pela disciplina, e aos poucos, me incentivou a trilhar esse caminho. Me tornei uma pessoa que demonstra a mesma capacidade de acolher e demonstrar aquelas qualidades admiráveis de afeto e otimismo que no passado havia recebido. E foi a partir desta reflexão que surgiu o interesse pelo tema deste trabalho juntamente com os questionamentos: Seriam essas qualidades de fato impactantes para a formação dos estudantes como pessoas ou até mesmo profissionais, da mesma forma que havia ocorrido comigo? Isto é, poderia a presença de afeto e de otimismo melhorar o ambiente escolar para os jovens, e através da prática dessas qualidades, cativá-los no interesse pela disciplina? E quanto ao professor? Poderia ele também ser impactado de alguma forma por seus alunos nessa relação afetiva?

E durante a coleta dos dados deste trabalho, percebi que a resposta para todas essas perguntas era “sim”. Em diversos momentos da observação participante presenciei relações de carinho e preocupação entre professor e aluno. Muitas foram as respostas que confirmavam minhas indagações, também nas entrevistas gravadas. De fato, a maneira na qual o professor interage com seus estudantes é realmente capaz de impactar no interesse e na vida dos jovens. E qual melhor maneira, se não pelo amor e pelo carinho?

Nosso estudo comprovou que a afetividade no ambiente escolar gera uma relação de proximidade entre o professor e os estudantes. Esta proximidade pode, por sua vez, levar os estudantes a se motivarem aos estudos e facilitar a aprendizagem. Este trabalho me fez compreender o quão impactante e indispensável é a presença dessas qualidades

nas relações escolares, e também a capacidade de transformação que um professor possui sobre a vida de seus educandos.

REFERÊNCIAS

- BARROS, L. C. **A trajetória da Educação Brasileira: uma segregação oculta.** Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/a-trajetoria-da-educacao-brasileira-uma-segregacao-oculta/17873>>. Acesso em: 05 jun. 2019.
- BASTIANELLO, M. R.; HUTZ, C. S. Do otimismo explicativo ao disposicional: a perspectiva da psicologia positiva. **Psico-USF**, v. 20, n. 2, p. 237-247, 2015. <https://doi.org/10.1590/1413-82712015200205>
- CAMPOS, M.; DE ARAUJO, D. C. O amor como prática educativa revolucionária. **Abatirá-Revista de Ciências Humanas e Linguagens**, v. 3, n. 5, p. 300-315, 2022.
- DE PAULA, S. R.; FARIA, M. A. Afetividade na aprendizagem. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 1, n. 1, 2010.
- DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em revista**, p. 213-225, 2004. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.357>
- DURÉ, R. C.; DE ANDRADE, M. J. D.; ABÍLIO, F. J. P. Ensino de biologia e contextualização do conteúdo: quais temas o aluno de ensino médio relaciona com o seu cotidiano?. **Experiências em ensino de ciências**, v. 13, n. 1, p. 259-272, 2018.
- FACCI, M. G. D. A escola é para poucos?: A positividade da escola no desenvolvimento psicológico dos alunos em uma visão Vygotskyana. **Revista Psicologia Política**, v. 10, n. 20, p. 315-328, 2010.
- LEITE, S. A. S. Afetividade nas práticas pedagógicas. **Temas em Psicologia**, [s.l.], v. 20, n. 2, p.355-368, 2012. Associação Brasileira de Psicologia. <http://dx.doi.org/10.9788/tp2012.2-06>.
- LOPES, C. S. **A violência no espaço escolar e a relação professor-aluno.** 2001. 160 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá. 2001.
- LUCAS, A. et al. A educação na pandemia e a omissão do Governo Federal. **Rede Brasileira de Mulheres Cientistas.** 2021. Disponível em: <https://mulherescientistas.org/wp-content/uploads/2021/05/NT5EducacaonaPandemia.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2022.
- MELLO, T.; RUBIO, J. D. A. S. A importância da afetividade na relação professor/aluno no processo de ensino/aprendizagem na educação infantil. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 4, n. 1, p. 1-11, 2013.
- MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- PIAGET, J. **Relações entre a afetividade e a inteligência.** Tradução de Doralice B.

Cavenaghi. Rio de Janeiro, RJ: Wak, 2014.

PINTO, J. M. R. Remuneração adequada do professor: desafio à educação brasileira. **Retratos da Escola**. Brasília, v. 3, n. 4, p. 51-67, 2009.

SARAIVA, K.; TRAVERSINI, C.; LOCKMANN, K. A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente. **Práxis Educativa**, v. 15, p. 1-24, 2020. <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.15.16289.094>

SAVIANI, D.; GALVÃO, A. C. Educação na pandemia: a falácia do “ensino” remoto. **Universidade e sociedade**, v. 67, n. 31, p. 36-49, 2021.

SILVA, F. F.; ANDRADE NETA, N. F. Afetividade e ensino-aprendizagem: influência favorável na relação professor-aluno-objeto de conhecimento. **Especiaria: Cadernos de Ciências. Humanas, Ilhéus**, v. 17, n. 31, p. 31-49, 2017.

SILVA, N. A. A importância da afetividade na relação professor-aluno. Brasil Escola. **Monografia (Graduação em Pedagogia) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro**, 2013.

UNESCO. **Education: from school closure to recovery**. 2022a. Disponível em: <https://en.unesco.org/covid19/educationresponse>. Acesso em: 18 jun. 2022

UNESCO. **Coalizão Global de Educação**. 2022b. Disponível em: <https://pt.unesco.org/covid19/educationresponse/globalcoalition>. Acesso em: 18 jun. 2022.

Anexo A

Entrevista

Para professores

Escola:

Turma:

1- Como é sua relação com a turma?

() ótima; () boa; () regular; () ruim

Justifique sua resposta.

2- Em sua opinião relações de afetividade ocorrem no ambiente escolar? Por quê?

3- Existe uma relação afetiva entre você e a turma? Descreva.

4- Você acredita que a afetividade entre professor e aluno pode interferir no trabalho docente? De que forma isto pode ocorrer?

5- A existência de afetividade entre o professor e aluno pode influenciar no envolvimento do aluno nas aulas e no aprendizado?

6- Você acredita que as pessoas no ambiente escolar são otimistas? Por quê?

7- Como o otimismo pode interferir na relação entre as pessoas no ambiente escolar?

Anexo B

Entrevista

Para alunos

Escola:

Turma:

- 1- Como é sua relação com o professor(a) de Ciências?
() ótima; () boa; () regular; () ruim
Justifique sua resposta.
- 2- Relações de carinho, respeito e atenção podem e devem ocorrer no ambiente escolar. Em sua opinião essas relações de afetividade ocorrem na sala de aula?
Por quê?
- 3- Existe uma relação afetiva entre você e o professor(a) de Ciências? Descreva.
- 4- Você acredita que a afetividade entre professor e aluno pode interferir no seu envolvimento e desempenho na sala de aula? De que forma isto pode ocorrer?
- 5- Você acredita que o professor de Ciências é otimista? Por que?
- 6- Como o otimismo pode interferir na relação entre as pessoas no ambiente escolar?

APÊNDICE

Como explicado na metodologia do presente trabalho, este apêndice é composto pela transcrição do caderno de campo do pesquisador, escrito durante sua presença nas aulas de ciências ou de suas memórias relativas a esses momentos durante a observação participante na Escola Alfa e na Escola Beta.

Relatos da observação participante na Escola Alfa

O primeiro dia de observações se iniciou com a turma 1, no dia 8 de outubro de 2019. Após minha apresentação como estagiário da disciplina, a professora iniciou sua aula com uma revisão, questionando os estudantes individualmente quanto a seus respectivos aprendizados. Já de início pude notar a personalidade leve e divertida da professora: Duas estudantes sentadas na frente interromperam brevemente a professora enquanto estava fazendo anotações no quadro, dizendo que ela estava muito bonita no dia. Em tom de brincadeira em resposta às garotas, a professora gargalhou e disse que estava sendo bajulada para dar pontos extras.

Após cerca de cinco minutos de conversas paralelas entre os jovens e ocasionais estudantes sentados mais próximos ao quadro, que batiam papo sobre questões da disciplina e realizavam comentários similares aos mostrados no parágrafo anterior com a professora, ela resolve retomar o controle da turma. Ela comenta a eles de um combinado que ambas as partes fizeram desde o início daquele ano, lembrando-os de seus direitos de conversar livremente, mas seguindo as condições específicas de falar em tom baixo, e somente quando ela estivesse fazendo qualquer outra coisa, exceto explicar oralmente a matéria. Quando se iniciasse essa explicação, ela teria a atenção da classe somente a ela, e foi o que aconteceu. Foi possível notar com nitidez que ela não demonstrou hostilidade ou irritação alguma nesse processo, o que pode ter sido um sinal positivo inicial como uma das razões para o notável favoritismo de algumas jovens pela professora de ciências. Essa preferência se dá não só pela maneira como falam e todo o carinho que expõem à sua docente através dos diversos momentos de elogios presenciados, mas também é confirmada por muitas das entrevistas gravadas.

Quanto ao conteúdo em questão, a classe estava aprendendo sobre corpo humano e reprodução. Como um assunto que naturalmente gera dúvidas e interesse, uma garota questionou sobre sangramento vaginal após a primeira relação, e a professora explicou. Também disse que era normal a perda da ereção peniana quando a pergunta surgiu

realizada por um estudante. A maneira como essas explicações foram dadas me foram percebidas como empáticas e reconfortantes, por mais que este seja um tópico natural a se responder. A estudante de qualquer forma se mostrou contente com a explicação e, aproveitando a temática, a professora se dispôs a responder outras dúvidas se colocadas em sua caixinha de perguntas, que fora uma ideia elaborada ao longo dos encontros de ciências da turma. O propósito da caixinha de dúvidas era dar flexibilidade àqueles que possuem vergonha de fazer questionamentos em público e também para otimizar o uso do tempo de suas aulas. Este foi um projeto desenvolvido com o uso de metodologias ativas, demonstrou o interesse da professora em estimular os estudantes, aprofundar e expandir o conteúdo trabalhado e suprir as curiosidades da turma.

Aos minutos finais do primeiro dia de observações da turma 1, pude notar mais duas interações positivas que se destacavam. A professora havia pedido aos estudantes para responderem exercícios presentes no livro didático e os estudantes questionaram se todos precisariam copiar as questões lá presentes antes de as responderem. A professora então cedeu que não seria necessário, dizendo que apenas as respostas seriam o suficiente. Isso gerou uma reação de adoração da turma por sua professora de ciências, dizendo e gritando que eles a amavam. Eles estavam visivelmente contentes.

E por fim, quando a professora estava prestes a sair da sala, um rapaz de cabelos encaracolados curtos e mechas coloridas de roxo se encontrou com ela. Ela então demonstrou notar a diferença visual ao elogiar alegremente a mudança, logo após ter questionado se ele havia pintado os cabelos. Evidenciei que este momento compartilhado entre eles o afetou positivamente, que respondeu sorrindo e agradecendo satisfeito.

Durante as aulas seguintes nesta turma, observei diversas outras interações positivas entre a professora e os estudantes. Entre elas, vale destacar um ocorrido em 5 de novembro. Após quase todos os jovens saírem para o intervalo ao fim do horário programado de ciências, um deles permaneceu para uma palavra em particular com a professora. O rapaz estava visivelmente desanimado e expôs que não havia entusiasmo de continuar tentando participar de suas aulas devido às suas notas baixas. A professora então demonstrou grande otimismo pelas chances do garoto, explicando que ele não deveria desistir e que haveriam muitas outras oportunidades para conseguir os pontos necessários. Ela enfatizou que ele deveria continuar tentando, pois era inteligente e capaz, e que ela possuía plena certeza disso. Não pude posteriormente confirmar o andamento da qualidade das notas do rapaz na disciplina de ciências, mas pode-se hipotetizar que as palavras afetuosas e otimistas partidas da professora naquele breve momento possa ter

melhorado sua situação escolar na disciplina em questão.

Voltando no tópico do primeiro dia de observação participante, após o horário de intervalo da escola e finalizadas as aulas na turma 1 até então, me encontrei com a professora, que explicou a situação da sala seguinte, prestes a serem observados pela primeira vez. Se tratava de uma turma considerada por outros professores como a **pior da escola**, sendo muito **desinteressados e desafiadores**. Já no início das observações nesta turma, pude perceber que era de fato um grupo mais difícil de se controlar. Quando entrei e fui apresentado, ficaram animados e curiosos por um tempo, interagindo e fazendo perguntas sobre minha vida pessoal, o que brevemente impediu a professora de otimizar seu tempo de aula ali.

Ao longo dos seis horários totais estando presente nesta turma, pude observar que, curiosamente, a professora de Ciências assumia uma postura um pouco mais descontraída e complacente. Aqui, a turma era mais interativa entre seus integrantes, e apesar da grande maioria não demonstrar o mesmo interesse pela disciplina que a outra turma observada, algumas vezes as perguntas feitas pela professora eram de fato respondidas, o que fazia a professora proferir comentários **afetivos de aprovação**. A professora **elogiava a inteligência** de seus estudantes e emendava que a única coisa faltando por parte deles era **foco e esforço**, mas todos tinham potencial. Durante boa parte desses momentos os estudantes **que antes estavam dispersos e recebiam esse feedback da professora, passavam a focar na aula**.

Interessantemente, as interações encaminhadas à professora eram mais íntimas e pessoais que na outra turma. A maioria das garotas demonstravam grande afeto por sua professora de ciências. Diversas vezes notei o grupo elogiando a professora como a **melhor da escola e dizendo que a amavam**. Presenciei tais reações de carinho que eram também compartilhadas, mas com mais frequência do que na outra turma. A professora **sorria calorosamente e interagia de volta, dizendo que eles eram uns amores e que eram muito lindos**. É possível também notar que nesta classe a professora abria mais de sua vida íntima, chegando até mesmo a responder questões pessoais. Perguntavam por exemplo, se ela gostava de homens, e seguiam questionando se possuía namorado, e na sala comentada anteriormente ela se recusou a estender assuntos como esse. Em suma, essa estratégia de comportamento e ensino observada parece de fato afetar o **aproveitamento geral dos indivíduos da turma em ciências**, visto que a porcentagem de estudantes da classe em recuperação anual **era menor que nas outras disciplinas**, como explicado pela professora em depoimento gravado posterior às observações, na etapa de

entrevistas.

Relatos da observação participante na Escola Beta

A observação das aulas na Escola Beta ocorreu exclusivamente de forma remota, devido à pandemia, o que trouxe certa dificuldade na metodologia proposta. Compreender interações afetuosas e otimistas entre professor e estudantes através deste sistema de ensino é relativamente mais complexo, e as interações mais rasas e raras, principalmente pelo fato, da maioria dos estudantes mantiveram a câmera e áudio desligados.

O aplicativo utilizado pela professora para suas aulas no período de aulas remotas foi o Microsoft Teams. Este permite o estabelecimento de reuniões com uma grande quantidade de pessoas, podendo também haver a opção de espelhamento da tela do computador do professor aos participantes da aula, sob a forma de apresentação de slides para a facilitação didática e dinâmica das aulas.

Iniciando os relatos pela turma 3, após entrar nesta sala virtual, a professora explicou minha presença e me pediu por uma breve apresentação. Desta que consiste de uma média de 20 a 25 estudantes, apenas cerca de três responderam às minhas saudações. A professora então educadamente pede a participação dos alunos, e mais um deles me diz bom dia. A aula então se inicia, tendo como conteúdo a digestão físico-química. Aos poucos, os jovens que de fato interagem iam respondendo às perguntas referentes à aula anterior, como forma de revisão e também para checar se existiam dúvidas a respeito do conteúdo. Um dos rapazes que respondeu recebeu parabéns da professora por ter entendido a pergunta, mas ela confundiu seu nome, e isso parece ter deixado o jovem levemente incomodado. A professora então, **pede desculpas** e **sorri**. Quanto à postura, comportamento e personalidade da professora, ela demonstra ser reservada e calma. Sua forma serena de conduzir o encontro educacional permitia que ela não se aborrecesse quando os estudantes ignoravam suas perguntas, sendo infelizmente algo que persistiu ocorrendo diversas vezes durante todas as aulas observadas. Desta forma, foram poucas as vezes observadas em que a professora pediu pela participação dos jovens na aula em um tom de voz mais duro, demonstrando leve aborrecimento quando as questões propostas eram respondidas com nada além de mudez, seja intencional ou não.

É importante ressaltar que nenhum dos jovens da turma estava com a câmera ou microfone abertos na aula. Este comportamento se repetiu por todas as observações que realizei em ambas as turmas, exceto por um breve momento que relatarei mais adiante.

Na primeira aula, a professora está quase **constantemente sorrindo e pede**

educadamente e com paciência pela participação dos estudantes, pois quase em todas as instâncias que uma pergunta dela é voltada à resolução de questões ou discussão do conteúdo, toda a turma fica em silêncio por vários segundos. Algumas raras vezes, algum estudante responde, depois de um período de silêncio, mas na maioria dos casos, a professora precisa pedir novamente pela participação deles para responderem à pergunta.

A participação é sempre limitada a três, no máximo quatro estudantes da turma, que notei serem os mesmos e únicos a interagirem. Isto pode ter ocorrido por diversos fatores. Claro, que como são aulas on-line, alguns podem não possuir internet com sinal de rede que garanta velocidade e qualidade na imagem; outros podem não possuir um computador ou celular que permita que a aula ocorra sem travamentos de som ou vídeo. Outro fator importante é o fato de que como a aula não acontece em um espaço físico único, cada um dos estudantes pode estar em um local diferente, com interferências diferentes, até mesmo fazendo coisas diferentes, e por isso acaba sendo um tanto complexo de se constatar ou avaliar a participação ou não de cada estudante. Exemplo disso foi um momento que aconteceu nessa primeira aula. Um dos jovens ligou o microfone para pedir desculpas à professora por sua ausência durante a aula e explicou que seu primo estava sozinho em casa com ele e precisava cuidar da criança. Este problema das aulas remotas também interfere no fator que citei anteriormente, quanto à dificuldade de detectar e interpretar sinais de afeto e otimismo entre ambas as partes. Pode ter ocorrido também que a baixa participação dos estudantes reflita o não interesse, engajamento e prazer que os estudantes têm pelo ensino remoto. O ensino remoto também se mostra um desafio até mesmo para os professores, de modo que para muitos, as aulas remotas sejam uma responsabilidade acompanhada de certa dificuldade, seja pela inexperiência com essa forma de ensino, ou pela falta de produtividade e a preocupação com a possível ineficácia de seus métodos, seriam alguns fatores que poderiam ou não levar à uma gradativa desmotivação. As seguintes palavras de Saraiva et al. (2020, p. 17) embasam isso:

A docência nos tempos de pandemia é uma docência exausta, ansiosa e preocupada. Que quer acertar, mas que avança no meio da incerteza e da adversidade – e que não tem a menor ideia do caminho. Como todos, os professores estão imersos em uma névoa e seguem através dela, buscando fazer o melhor, mas sem garantias (SARAIVA ET AL.).

Continuando o relato, em outras aulas, notei que a professora de vez em quando perdia um pouco de sua complacência devido ao constante silêncio desagradável vindo dos estudantes da turma, e então ela os cobrava para responderem. Às vezes, ela citava o

nome de cada um deles, e apenas cerca de 30% da classe respondiam, e os quatro que sempre participavam a partir daí também se **mostravam mais impacientes ou irritados com estes pedidos**. A professora então voltou a usar um tom bastante **calmo e empático**.

A meu ver, as aulas remotas levavam a situações de irritabilidade dos estudantes e da professora, gerava momentos de cobrança por parte da professora e de apatia pelos estudantes. Talvez era quantitativo, no sentido de poucos dos estudantes de fato se conectarem à professora, ou talvez era uma questão mais qualitativa, o que é mais provável devido ao fato de que a maioria desses jovens jamais haviam recebido aulas desta professora presencialmente antes.

No início de setembro, em uma das aulas finais em que estava observando aquela turma, aconteceram problemas inusitados para o lado da professora. A internet havia parado de funcionar uma hora antes da aula de fato se iniciar, então a professora resolveu **se dirigir com seu laptop para a escola, que permanecia aberta a uso para os professores em casos como esse**. Cerca de dois estudantes notaram essa mudança de cenário, vista pela imagem da câmera da professora, e um deles até utilizou desse dia como um exemplo **para explicar o otimismo e a determinação da professora**, na etapa de entrevistas. **Foi algo agradável de se ver**.

Na aula da semana seguinte, outra coisa inusitada aconteceu: **Uma garota da turma perguntou à professora no início da aula se ela estava bem, e que havia notado que a professora estava conversando em um tom mais baixo que o normal, e parecia estar levemente abatida**. Os integrantes da turma 3 quando comparados à turma 4 não possuíam o costume de conversar, seja de forma indisciplinar ou não, e era ainda mais atípico relatar estudantes perguntando como estava a **qualidade do estado da vida de sua professora, por isso essa simples interação foi tão fora do comum, mas muito interessante**. A professora então respondeu estar com um inchaço no olho, sorriu e continuou a aula. **Mais perto do final, um rapaz a entrevistou, pedindo desculpas por estar tendo um problema de rede, e pedindo para a professora explicar novamente o que havia dito cinco minutos atrás**. A professora então o fez de bom grado, sorridentemente.

Chegando então à aula final de observações, que era também a aula final do semestre, em que os jovens estariam prestes a entrar em suas férias, a professora iniciou sendo cordial, mas depois passou a adotar uma outra postura: **Ela enrijeceu seu tratamento usual e explicou que 14 pessoas da classe não haviam entregado os exercícios on-line**. Ela continuou dizendo que era a terceira vez que a atividade recebia um prazo extra, e seria a última vez. **Ela cita que essa turma é notória por não entregar atividades, não só**

em sua disciplina, mas em outras também, mesmo com ela iniciando conversa por chat privado e cobrando cada um dos jovens por vez. Ela lamenta o modo de ensino remoto, mas diz que é a única opção que resta a eles nesse momento, tanto para a professora, quanto aos estudantes, e que está fazendo seu melhor possível dadas essas circunstâncias.

Aproximando nos minutos finais da aula, ela sorriu calorosamente e deu boas férias aos jovens, disse para eles aproveitarem bastante e para olharem ao redor no dia-a-dia de cada um, pois a ciência estava em todos os lugares, em todos os momentos do cotidiano. Ela finalizou pedindo feedback de suas aulas, e os pouquíssimos estudantes que responderam disseram que estava bom daquela maneira.

Em relação às observações na Turma 4, posso afirmar com tranquilidade que, desde os minutos iniciais da primeira observação, notei que esta turma é significativamente mais receptiva, calorosa e participativa do que a outra. Múltiplas pessoas me deram boas-vindas e, quando a porção de revisão da aula anterior se iniciou, múltiplas pessoas rapidamente participaram sem a notável presença de muitos segundos de silêncio, como era o caso da turma anterior. Um dos rapazes explicou todas as etapas da digestão com maestria, e outras quatro pessoas ajudaram a desenvolver a aula depois disso, o que fez com que a aula fosse mais rápida e dinâmica. A professora sorri e os elogia individualmente, e até mesmo realiza comentários em forma de brincadeiras leves e amigáveis com alguns estudantes que não estavam participando, perguntando a eles se ainda estavam dormindo por causa do frio. Nesta classe, como foi dito, uma quantidade maior de estudantes interage mais rapidamente, e em maior número, e um dos jovens até mesmo chega a perguntar sobre uma questão de física completamente não relacionada com a matéria de digestão. Ele questiona se ele conseguiria se locomover para trás pelo vácuo do espaço ao jogar um objeto de sua mão para a frente. A professora o responde e ele parece ficar contente com sua ajuda. Isso poderia estar demonstrando que o jovem em questão respeitava a bagagem de conhecimentos da professora, e possui interesse no aprendizado, mesmo que não seja exatamente em sua área.

Em outra aula, já no início, um rapaz questionou se as notas haviam sido lançadas. A professora pediu desculpas dizendo que havia esquecido. O rapaz então brincou dizendo que ficou chateado de ter sido esquecido por ela, e que a professora de Ciências era a única que gostava dele. Ela riu e brincou dizendo que de fato gosta, e pediu novamente perdão pelo atraso. Os outros colegas de turma então entraram na conversa, dizendo à professora que aquele rapaz era tipicamente dramático demais. Todos riram e a aula continuou, com vários outros estudantes entrando na sala do Microsoft Teams e

dando saudações calorosas via voz ou chat. Nesta turma, a professora parece levemente menos formal, e demonstra uma conexão mais genuína se comparado a Turma 3. Esses padrões (maior quantidade de pessoas interagindo sobre o conteúdo da aula, trocas de palavras mais calorosas e brincadeiras) continuaram se repetindo ao longo de todos os outros dias observados. Em uma das aulas, ao chegar no horário próximo do término, o rapaz interativo da pergunta de física chegou até mesmo a ativar sua câmera para dizer tchau à professora, o que é bastante incomum para as aulas remotas.

Na aula final antes das férias, a professora também acaba repreendendo os jovens pelo exato mesmo motivo daquele dia na turma 3: Falta de entrega das atividades pela maioria da sala. Aqui, apesar de ser o mesmo caso, a professora se mostra mais dura. Talvez porque uma quantidade maior de pessoas tenha falhado em entregar as atividades, ou porque ela esperava mais daquele grupo. Depois desse momento, os jovens ficaram mais silenciosos. Nem mesmo em uma atividade utilizando o Kahoot, um site que possui uma ferramenta de perguntas e respostas dinâmicas e em tempo real, eles não voltaram ao que pode ser considerado o estado normal da turma. Nesta mesma atividade, os estudantes da turma 3 mostraram maior interesse e isso não se repetiu na turma 4. Talvez pelo comentário de desapontamento da professora mais cedo na aula. De qualquer maneira, após a professora desejar boas férias, assim como o fez na turma anterior, ela seguiu pedindo feedback. Os jovens então voltaram a ser calorosos com ela, dizendo que estava ótimo, e que o aprendizado de Ciências se tornava fácil com a didática dela.